

Mudar a avaliação é democratizar a escola

JOAQUIM LIBERAL

« A avaliação continua a ser um dos problemas mais complexos do nosso sistema educativo. A natureza da sua complexidade requer soluções capazes de repensar a escola num patamar superior às simples questões da examinação dos alunos, à mera separação entre avaliação pedagógica e classificação, ou às constantes mudanças nos programas curriculares.

Neste contexto, mudar a avaliação significa repensar a verdadeira natureza da sua função e, por outro lado, fazer com que esta contribua para a vivência plena da democracia nas escolas (Bataloso, 2003).

Considerando o desafio desta primeira nota torna-se, desde já, importante ressaltar que a avaliação é parte integrante de todo o processo de aprendizagem e que é impossível entender avaliação e planificação sem a ampla e natural relação que as liga. Neste sentido, o ensino do séc. XXI não ultrapassará os atuais constrangimentos se permanecer preso às redutoras concepções e práticas do séc. XIX que continuam a confundir o sistema seletivo de classificação com os processos de regulação (avaliação) que concorram para o desenvolvimento das aprendizagens. Por isso, repensar a avaliação implica romper definitivamente com esse passado e, por conseguinte, abandonar uma cultura de escola desumanizada e completamente alheada dos verdadeiros problemas que a caracterizam.

balanço do trabalho realizado ou, num sentido proativo, traçar o rumo do que ainda falta realizar a cada um deles, através do uso de uma agenda semanal de trabalho, planos individuais de trabalho e planos que orientem a realização sistemática de pequenos projetos. No fundo, a leitura refletida da informação recolhida, através desses instrumentos, no seio da turma, permite-nos olhar constantemente para a ação de aprender (Nunziati, 1990) e estabelecer momentos de controlo da mesma, sendo essa a dinâmica que verdadeiramente nos forma e faz avançar.

Apesar da tentativa de se clarificar o equívoco entre avaliação pedagógica e classificação, centrando a discussão na urgência de uma avaliação formativa, o que se verifica é que as práticas educativas conti-

maior transparência e precisão o que os alunos dominam ou não.

TORNAR A COMUNICAÇÃO UMA EVIDÊNCIA EM TODO O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Nesta perspetiva, centrada na participação dos alunos e na importância de os envolvermos ativamente em todo o processo de aprendizagem-ensino, torna-se evidente, tal como o refere (Niza, 2006: 4), a relevância de “uma avaliação comunicativa para a regulação cooperada do trabalho de aprendizagem que decorre da informação progressivamente registada e analisada em conjunto”. Tal desígnio só será uma realidade se contrariarmos as práticas pedagógicas que afastam os alunos de uma pluralidade de alternativas pedagógicas para realizarem o direito que têm para aprender.

desenvolvida às necessidades e dificuldades de cada aluno (Veiga Simão, 2008).

ANALISAR AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS EM INTERAÇÃO COM OS PRÓPRIOS ALUNOS

Com efeito, avaliar tem que ser sempre mais um momento da aprendizagem (Bataloso, 2003). Querendo isto dizer que, para além das dimensões anteriormente focadas, torna-se imperativo que os alunos sejam naturalmente conduzidos através de um processo de análise interativa das suas produções, mobilizando para isso a solidariedade e o saber dos seus pares (Jorba, 2003).

UMA AVALIAÇÃO QUE TEM COMO BASE A COMUNICAÇÃO E SE PREOCUPA EM FORMAR VERDADEIRAMENTE OS ALUNOS TEM O FEEDBACK COMO CENTRO DESSA DINÂMICA

Esta perspetiva dinâmica da avaliação que valoriza não apenas os produtos mas também os processos para chegarmos a eles (Niza, 2006), reforça o seu carácter comunicativo. Uma vez que atenta a todos os fatores que interferem na aprendizagem requer, acima de tudo, que o feedback não seja um mecanismo pontual da ação do professor obedecendo antes a uma lógica permanente e circular, ou seja, a análise permanente e rotativa das produções dos alunos numa turma,



REORGANIZAR O ESPAÇO EDUCATIVO COM A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS E PARA A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS

Mudar para um paradigma de avaliação centrado nos valores democráticos implica, antes de tudo, repensar a organização ao nível da sala de aula criando espaços de trabalho em que os alunos possam, de modo autónomo, individualmente ou entre pares, desenvolver as aprendizagens propostas pelo currículo. Abandonando todos os formalismos didáticos e contribuindo para que participem ativamente nas dinâmicas de aprendizagem desenvolvidas.

DISPONIBILIZAR E CONSTRUIR COM OS ALUNOS INSTRUMENTOS DE REGISTO E CRITÉRIOS, FUNCIONAIS E DINÂMICOS, DE APOIO À APRENDIZAGEM

A par desta urgente reconfiguração do ambiente educativo, voltada para o necessário envolvimento dos alunos no ato de aprender, torna-se também imprescindível construir com os alunos instrumentos de planificação/avaliação que lhes permitam, por um lado, antecipar as ações do trabalho que têm que realizar num determinado período de tempo e, por outro, estabelecer momentos para se proceder ao

nuam a entendê-la, erradamente, como um meio de justificar as notas a atribuir a cada aluno.

Torna-se, portanto, cada vez mais evidente que enquanto não eliminarmos por completo esta prática, dificilmente deixaremos de contribuir para a construção de instrumentos, em particular as supérfluas e extenuantes grelhas Excel, cuja função visa exclusivamente gerar a falsa ilusão de garantir uniformidade aos resultados escolares, mediante uma notação, esquecendo que em cada nota existe uma pessoa que aprende e se desenvolve. Como diz (Batalloso, 2003: 48) "sempre haverá, atrás de cada número, uma pessoa que se desenvolve, amadurece e aprende singularmente".

Por isso, o trabalho de aprendizagem e os instrumentos utilizados têm que nos permitir fazer balanços periódicos do trabalho realizado: o que se aprendeu, o que falta ainda aprender e como cada um pode melhorar o seu desempenho. Temos que retomar e aprofundar a análise pormenorizada da aprendizagem, através de sínteses descritivas do trabalho realizado. Trata-se de uma cultura analítica (uma perspectiva clínica) que nos permitirá ver com

CRIAR ESTRATÉGIAS PARA REGULAR E AUTO-REGULAR O PROCESSO DE APRENDIZAGEM. ENSINAR OS ALUNOS A AVALIAR-SE PROGRESSIVAMENTE, TORNANDO A AUTO-AVALIAÇÃO O MOTOR DA AVALIAÇÃO FORMADORA

Assim, uma cultura pedagógica que conceba a avaliação como um instrumento de comunicação, tendo em vista a construção cooperada do conhecimento na sala de aula, permitirá aos alunos refletir, através do diálogo interativo com os seus pares, sobre o que aprendem e como aprendem, tendo como finalidade promover a sua auto-regulação em autonomia. Significa isto que, ao longo do processo, cada aluno construirá um sistema pessoal para aprender melhor progressivamente (Veiga Simão, 2008). Por outro lado, a sistemática preocupação com a construção do saber de cada um, gerada no centro de uma comunidade de aprendizagem, que se mobiliza para que todos aprendam e tenham sucesso, sem comparações de nenhum tipo, permite também ao professor criar mecanismos de regulação úteis para adequar a ação

gera por si só um conjunto diversificado de interações que ajuda todos a compreenderem o que é expectável aprenderem e a melhorar os seus procedimentos em novos momentos de produção. ■

Referências: Batalloso, J. M. (2003). É Possível uma Avaliação Democrática? Ou sobre a necessidade de avaliar educativamente. In Margarita Ballester et al. Avaliação como apoio à aprendizagem (pp: 15-22). Porto Alegre: Artmed.

Jorba, J. et al (2003). A função pedagógica da avaliação. In Margarita Ballester et al. Avaliação como apoio à aprendizagem. Porto Alegre: Artmed.

Nunziati, G. (1990). Para construir um dispositivo de avaliação formadora. Cahiers Pédagogiques, n. 280, p. 47-64.

Niza, S. (2006) Uma avaliação dinâmica em interação cooperada. Editorial. Escola Moderna, n.º 27, série 5, p. 3-4.

* Joaquim Liberal, professor do 1º CEB, membro do Movimento da Escola Moderna

LINKS DAS INQUIETAÇÕES PEDAGÓGICAS

pedagogicasinquietacoes@gmail.com

inquietacoespedagogicasii.blogspot.pt

www.facebook.com/InquietacoesPedagogicas

www.youtube.com/user/InquietPedagogicas

